

ASSIGNATURAS

ANNO 18000
SEMESTRE 9000

A assignatura paga-se adiantada. Começa em qualquer dia e termina sempre em dia de Março, Junho, Setembro ou Dezembro.

NÚMERO DO DIA 100 rs.

Monitor Campista

Propriedade de Attila de Alvarenga, João de Alvarenga e Roberto de Alvarenga — Redactores: Alvarenga Pinto e F. Portella

TYPOGRAPHIA E ESCRIPTORIO

Itens do Comercio N.º 48 (sobrado)
Assinaturas dos assinantes... 50 rs. por linha
Ident. dos não assinantes... 100 rs. por linha

O Monitor Campista publica-se diariamente excepto as segundas-feiras.

Não se realizam autógraphos de artigos que só já não publicados.

Publicações diversas e os convencionais.

MORAL SOCIAL

Educação dos escravos

Um grande publicista, Adolpho Garner, escreveu o seguinte na sua importante obra Moral Social, com relação à resistência dos senhores nos actos que tentam por fim preparar a emancipação.

As suas reflexões como verá o leitor, são de grande actualidade para nós, pois trata da questão que mais ocupa o país, e serve de resposta aos que pretendem educar primeiramente o escravo, antes de lhe dar a liberdade.

Eis o que disse o ilustre pensador.

Nestes últimos tempos votaram-se algumas leis para suavisar a escravidão e preparar a sua abolição. Uma lei de 1840 estatuiu que fossem abertos registos do estado civil para os escravos, se fizesse um recenseamento completo e fossem os magistrados encarregados do patrocínio dos escravos. Uma comissão composta de membros illustres, propôs os meios de conseguir a abolição simultânea de todos os escravos, em um espaço de 10 anos.

As disposições de 1846 proibiram o chicote como meio de excitar o trabalho, e mesmo como castigo ás mulheres, crianças e velhos. Para todos os demás só permitiu usar uma vez por semana, não excedendo o numero de chicotadas de 15, em lugar de 29, que tinham sido fixadas precedentemente.

Pedia que se deixasse passar seis horas entre a falta e o castigo, para dar á colera o tempo de calmear-se. Determinava que a fabrica assistisse á execução e que se registrassem os castigos inflingidos. Determinava a razão de viveres que deveria ser distribuída ou que fosse elle substituída pela concessão de um campo e de um dia de trabalho do escravo empregado nesse mestre.

Prescrevia que desse por anno duas modas de vestuário, conforme a estação, que se establecessem enfermarias.

* Relatório da comissão para o exame das questões relativas á escravidão. — Diário do Povo.

FOLHETIM

46

AS DUAS IRMÃS

rea

XAVIER DE MONTEPIN
PRIMEIRA PARTE

A NOITE DE SANGUE

XLVI

O jovem Russo levantou-se com calma apparente e dirigindo-se áquelle dos recent-chegados que estava na frentre e trazia o fitte tricolor, insignia de funções officiais, perguntou-lhe:

— Quem é o senhor e o que quer?

— Sou comissario das delegacias judiciais, respondeu o magistrado, e quero saber qual dos Srs. chama-se o conde Smoloff.

— Sou eu, senhor respondeu Yvan frivamente.

— Sim, é elle mesmo... murmurou o mercador de objectos de luto, no outido de comissario, que tornou logo, aproximando se do conde.

— Pois bem, senhor, em nome da lei está preso!

Se um raio tivesse caído na mesa, no meio dos conivais, não teria produzido effito mais terrível do que produziu essa simples phrase.

Uma exclamação de terror escapou de todos os labios.

Só Mauricio sentiu um allívio imenso.

A angustia que o suffocava passou.

Largou a face, cujo cabo a sua mao apertava convulsivamente, e pela primeira vez, havia alguns momentos, podia respirar livremente.

O jovem Russo estava muito pallido.

— Prender-me, a mim! exclamou elle com altivez desdenhosa. Oh! senhor, isso é uma insensatez! Com que direito me prender o senhor? Em virtude de que titulo?

— Em virtude de um mandado regular, de que sou portador...

O visconde Guido d'Arbenhilles julgou opportuno intervir.

— Senhor comissario das delegacias, disse elle, ninguém mais do que eu res-

visitas de medicos, sendo que os velhos e doentes abandonados fossem tratados por administração, á custa dos senhores; finalmente estabelecião uns orações em comunum, pela misericórdia, e á noite um ensino religioso dirigido pelo parochio, que faria uma visita mensal em todas as fabricas da parochia.

Criavão escolas elementares nas cidades e povoados, sendo que os colonos em uma área de meia legua eram obrigados a mandar á escola os escravos de 8 a 14 annos.

Mas os senhores não virão nestas leis e prescrições senão uma fonte de agitações as mais funestas, fazendo todo o esforço para se subtrairem a elas.

Não se tinha fixado o tamanho do campo que deveria, mas ser entregue aos escravos em troca da ração suprimida, e algumas colonias não se pôderam de reduzir á decima sexta parte de uma geira.

Violavão-se as prescrições sobre as horas de trabalho e fixava-se em 10 ás mesmas em cinco centimos o preço das horas extraordinarias de trabalho. Proibia-se ao escravo de dispor á sua vontade do dia de trabalho livre alugando-se fóra da fazenda. Promettera-se uma lei regulando o casamento dos escravos e seus effeitos civis com relação aos conjuges e filhos; essa disposição não apareceu, porém. O senhor contava investido de pleno poder sobre a pessoa de escravo, qualquer que fosse o sexo, e a escrava casada não ficava isenta da licença de suas caprichos.

Assim era raro o casamento, regulando uma média de 12 por anno, quando logo após á libertação os casamentos se elevavam em poucos meses a 800.

Supprimião-se os ferros, os barrotos, os trencos. Illudia-se, porém a lei de todas as fórmulas. Os ferros não forçaram empregados como castigos ordinários, porém como meio de prevenir a fuga.

O senhor tinha ainda o direito de infligir ao escravo uma prisão, ou habitação, de 15 dias e o terrível chicote se erguia ainda nas filhas dos trabalhadores. O escravo que ir receber um castigo era estendido no chão, com os quatro membros presos á estaca.

Talvez não houvesse grande diferença neste castigo para o que foi infligido a S. Domingos na sua gaiola.

A morte do escravo deveria ser punida de multa e prisão. Vive, porém, o

*) Gesta com varas em quadro.

peita a lei e os seus representantes, mas permitta-me que diga que ha aqui algum erro material...alguma semelhança de nome, facil de esclarecer...O nosso amigo está acima de toda a suspeita,...

— Silêncio, senhor!... interrompeu secamente o magistrado. Não tenho que discutir com o senhor.

— De que sou acusado? perguntou o conde Yvan, que conservava uma calma apparente, mas cujos labios o mao tremiam.

— Não é a mim que compete dizer-lo. — Mas eu quero saber-lo.

— Oh! pôde tranquillizar-se, ha de sabê-lo brevemente... visto fingir ignorá-lo.

— Eu juro que ignoro!

— Pois bem.

— Diga-me...

— O juiz de processo lhe dirá. Veja Sr.

— O que quer fazer de mim?

— Primeiramente, leva-lo ao deposito da prefeitura.

— Ao deposito da perfeitura! repetiu o Russo com asco.

— Não ficará ali muito tempo. Querá seguir-nos.

— Obedeço porque é preciso ceder á força, e o senhor tem a força, mas protesto com toda a força da minha indignação. Prendendo-me, a mim, inocente, a mim, estrangeiro, commette um acto iniquo. A vergonha e o odioso calúnia sobre o senhor! Meus amigos, meus conniventes, acrescentou o conde dirigindo-se aos moços e às raparigas, espantadas, que o cercavam, o orro monstruoso de que seu victimo não pôde ser de longa duração. Não lhes digo adens! digo-lhes: até logo.

Dirigindo-se a Octavia, que via com estupor os seus bellos sonhos dissiparem-se como uma nuvem, que o vento leva, murmurou-lhe no ouvido:

— Espere que até amanhã. Estou pronto para seguir-l-o, senhor.

O visconde Guido d'Arbenhilles apertou, em silencio, as maoes do conde, que seguia com os agentes.

Meia hora depois entrava no deposito.

fazendeiro em sua propriedade cercado unicamente do seu escravos; onde, pois, se encontraria os testemunhas do crime? O testemunho do escravo não era recebido em juizo, e quando mesmo o fosse, como poderia ser elles testemunhas contra seus senhores, mesmo em sua defesa, era punida com a pena capital.

Quanto á ensino moral e religioso, a instrução elementar, por onde se queria fazer a passagem da escravidão para a liberdade, não forçou menos violades as leis do que sobretudo mais.

A princípio as prescrições ministravam ordenando que a metade do tempo concedido no escravo fosse tomado para as lições. Não foi tudo. Teve o clero a mesma parte da magistratura, vivendo como aquela com os brancos, rarissimas vezes e dificilmente comunicava elle com os negros, não os podendo aperceber senão por traz da muralha dos senhores. O que se lhes recommandava, portanto, é bem facil de prever: ora uma obediencia passiva, ora ressiga ás absoluta.

Os senhores achavão vantajoso um tal ensino, quando aperceberam que uma associação nova, a dos irmãos da instrução cristã, lourava com a protecção de um dos prefeitos apostólicos de nossas colonias e de muitos bispos da França, tinha por fim pregar aos escravos uma moral que os elevava aos seus próprios olhos, fallando-lhes nos deveres da família, dos pais para com os filhos e destes para com aquelles, do marido para a mulher e vice-versa, viúvo o pergu que corría a sua soberania!

Imagine que se tratava da revolta de um marido que quer defender sua mulher, de um pai que quer arrancar sua filha á sensualidade do senhor, o castigo concedido de 15 chicotadas seria justo?

Se quizerdes entrar no detalhe dos delitos, fazer um codigo penal completo, fora missér dar conhecimento no escravo, permitir discutir ou fazer discutir a decisão do senhor; por consequencia, devião os colonos destruir a escravidão. Tanto é difícil fazer o bem no mal.

Com razão reclamavão os colonos — ou retirar vossas leis, ou pagai-nos uma indemnização, porque de tal forma operais a abolicao.

Consideravam ainda que os tribunais dos colonos erão em grande parte compostos ou de seus filhos ou de seus amigos, e portanto juizes preventivos. Sabemos que se procurava tanto quanto possível enviar ás colonias europeias, afim de serem os juizes desprevenidos dos preconceitos coloniales; elles, porém, erão obrigados a se interessarem pelas causas dos colonos com quem privavão, e nunca com os escravos, adoptando em grande parte o partido dos primeiros.

Via-se, pois, os magistrados impregnados dos prejuizos coloniales, e era rarissimo que alguém se conservasse europeu nas colonias.

Um fazendeiro para castigar seus

peita a lei e os seus representantes, mas permitta-me que diga que ha aqui algum erro material...alguma semelhança de nome, facil de esclarecer...O nosso amigo está acima de toda a suspeita,...

— Silêncio, senhor!... interrompeu secamente o magistrado. Não tenho que discutir com o senhor.

— De que sou acusado? perguntou o conde Yvan, que conservava uma calma apparente, mas cujos labios o mao tremiam.

— Eu juro que ignoro!

— Pois bem.

— Diga-me...

— O juiz de processo lhe dirá. Veja Sr.

— O que quer fazer de mim?

— Primeiramente, leva-lo ao deposito da prefeitura.

— Ao deposito da perfeitura! repetiu o Russo com asco.

— Não ficará ali muito tempo. Querá seguir-nos.

— Obedeço porque é preciso ceder á força, e o senhor tem a força, mas protesto com toda a força da minha indignação. Prendendo-me, a mim, inocente, a mim, estrangeiro, commette um acto iniquo. A vergonha e o odioso calúnia sobre o senhor! Meus amigos, meus conniventes, acrescentou o conde dirigindo-se aos moços e às raparigas, espantadas, que o cercavam, o orro monstruoso de que seu victimo não pôde ser de longa duração. Não lhes digo adens! digo-lhes: até logo.

Dirigindo-se a Octavia, que via com estupor os seus bellos sonhos dissiparem-se como uma nuvem, que o vento leva, murmurou-lhe no ouvido:

— Espere que até amanhã. Estou pronto para seguir-l-o, senhor.

O visconde Guido d'Arbenhilles apertou, em silencio, as maoes do conde, que seguia com os agentes.

— Espero que até amanhã. Estou pronto para seguir-l-o, senhor.

— Ha uma hora.

— Onde o prenderei?

— Em casa de Brabant, onde estava jantando, em companhia alegre e brilhante. O miseravel está ligado a gente da melhor sociedade.

Os dois magistrados fôrão logo procurar o juiz do processo, quo os receberá com estas palavras:

— Sejam bem vindos, meus senhores,

sobretudo, se prendido o culpado.

— Esta preta, disse o comissario.

— Esta preta?

— Ha uma hora.

— Onde o prenderei?

— Em casa de Brabant, onde estava

escravos os feria na vertebra do pescoço, ja tendo morto dois quando foi denunciado. A camara de accusação decidiu que nada havia a fazer: no entanto qualquer offensa, por mais leve que fosse, como poderia ser elles testemunhas contra seus senhores, mesmo em sua defesa, era punida com a pena capital.

Quanto á ensino moral e religioso, a instrução elementar, por onde se queria fazer a passagem da escravidão para a liberdade, não forçou menos violades as leis do que sobretudo mais.

A princípio as prescrições ministravam ordenando que a metade do tempo concedido no escravo fosse tomado para as lições. Não foi tudo. Teve o clero a mesma parte da magistratura, vivendo como aquela com os brancos, rarissimas vezes e dificilmente comunicava elle com os negros, não os podendo aperceber senão por traz da muralha dos senhores.

Os funerais dos pretos erão feitos as mais das vezes em um pouco de patha, na presença de alguns parceiros; sem assistência alguma de padres; quando o corpo chegava á igreja, não entrava, o padre assentava a porta e dali balançava uma ligeira oração.

ligiosas palavras foram denunciadas ao governador pelo Conselho colonial como sediciosas. O conselho pediu a sua expulsão, e elle foi expulso!

Com efeito houve entre a educação moral, que se pretende dar ao escravo, e a condição em que elle permanece, uma contradição passmosa. O que lhe dirá o padro? Recomendará ao filho que obedeça ao pai; a cada instante, porém esse poder paternal é perturbado, rato mesmo pela relação do pai com o seu filho?

Deverá, portanto limitar-se o padro a recomendar ao escravo semente obediência ao senhor, o que importa a continuação da escravidão. Se o padro aconselhar ao pai que reze sobre seus filhos, que defendam a honra de suas filhas, de sua mulher, promove a sedição!

Vê-se, portanto, o quanto era impossível começar pela instrução moral e religiosa do escravo, porque seria logo romper as principais cadeias da escravidão.

Tinha-se morto em um beco sem saída

Não se queria libertar os escravos nem que se lhes desse sentimentos de justiça e religião; no entretanto que elles não se puderiam tornar justos e religiosos enquanto permanecessem escravos. Os colonos se revoltavam com qualquer tentativa próxima ou longínqua de liberdade; faziam publicar tratados, em que se apoiavam, como outrora os jurisconsultos romanos, que defendiam a escravidão no direito das gentes, direito natural e, ainda acrescentavam, no direito divino. Buscavam no Pentateuco textos que autorizavam a escravidão; fallavam nos perigos da libertação; imaginavam as mortes, os incêndios que acompanhariam a revolução de S. Domingos; allegavam, enfim, que os escravos consideravam o trabalho como obra servil; que uma vez livres, não trabalhariam mais.

Poder-sua-his, porém, dizer aos colonos: Não temos somente no Pen atenho os textos favoráveis aos vossos interesses; temos todos os outros, executai sobre todo aquello que ordena que, si o hebreu for escravo do hebreu, fique liberto em seis anos. O hebreu não podia ser mais próximo do hebreu que o cristão do cristão, e vossos escravos são cristãos!

As desordens que temos foram causadas, não pela libertação, porém pela recusa à libertação, e essa recusa, segundo Montesquieu, oferece sobretudo perigo em um estado onde os cidadãos são livres, onde em torno do escravo se falla de direitos, grandeza, liberdade e aquello a inflama pelo desejo de saborear também a sua independência. E, co-a efeito, a liberdade o permite por si mesmo nas colônias com a primeira notícia da fundação da república.

Não foi o decreto de 27 de Abril de 1848 que consumou a abolição da escravidão, porque esse decreto, que concedia, aliás, um prazo de dois meses, não era ainda conhecido dos colonos quando os negros, ao primeiro rumor de que a república se tinha estabelecido, a tiveram como incompatível com a escravidão e imediatamente reclamaram a liberdade. Os desastres, que tinham começado a rebentar na Martinica, foram provocados pela tentação com que se tratava de proclamar a liberdade, no passo que foram sufocados em Guadalupe, pela pressa com que se fez a libertação.

(Extr.)

FORO

Juiz de Orfíões

Audiencia do dia 22 de Fevereiro de 1884

Juiz, Dr. Manoel Coelho Burroso
1º CARTÓRIO

ESCRIVÃO, DR. AUGUSTO BESSA

Inventariante. — D. Maria Gregória de Miranda Sá Sobral. Inventariante. José Gomes Sobral. Falecido. — Designou-se o dia 28 para a avaliação dos bens e mandou-se que o escrivão notificasse aos avaliadores para prestarem juramento e proceder a avaliação.

— Vicente de Souza Monteiro. Inventariante. Domingos de Souza Maciel e D. Felismina Cândida Baptista. Falecidos. — O curador geral lançou ao inventariante do termo assinado para prosseguir nos termos do inventário e requereu que se passasse mandado de sequestro dos bens.

— José Ribeiro da Motta. Inventariante. Anna Maria do Espírito-Santo. Falecida. — O curador fez o mesmo requerimento.

2º CARTÓRIO ESCRIVÃO, SALGADO

Inventariante. — D. Maria Isabel Barbosa de Castro. Inventariante. João Francisco de Oliveira Castro. Falecido. — Mandou-se intimar a inventariante para, no termo de 3 dias, encerrar o presente inventário sob as penas da lei.

— D. Maria do Nascimento do Espírito-Santo. Inventariante. Peregrino José Pessanha. Falecido. — O mesmo despacho.

Justificação de dívida. — Silva Neves & C. Justificantes. Contra a viúva e herdeiros do falecido José da Motta Ferreira. Justificados. — Foi julgada procedente a presente justificação e mandou-se appensar aos autos do inventário para serem os credores atendidos como fir de direito no acto da partilha.

Conselho para inventário. — Antônio Carlos de Araújo Leite. Autor. Contra José Dutra de Moraes Sobrinho por cabeça de sua mulher D. Felismina da Motta Leite. Réo. — Mandou-se intimar a José Dutra de Moraes Sobrinho, para no termo de 5 dias, prestar juramento de inventariante dos bens pertencentes ao casal de Felismina da Motta Leite, sob pena de ser nomeado outro inventariante, e sequestrados os mesmos bens.

NOTICIARIO

Pitores pre-históricos. — Pelo Dr. Frank Cushing, no paiz das Zanis, foram descobertas a 15 milhas da villa de Bardet, numerosas grutas nas quais os antepassados Zanis celebravam suas festas e sacrificios religiosos nos tempos pré-históricos, e nessas grutas fez-se ampla colheita de relíquias interessantes, como penas de aves, altares, arcos, flechas e pínturas feitas de folhas de cana de amarrar e de milho.

Esta inesperada descoberta parece estabelecer que a honra de ter inventado o píntor com o pano ou cachimbo pertence a América.

Câmara Municipal. — A reunião se realizou hoje em sessão extraordinária.

Extraordinária agulha. — Na proxima exposição de obras de agulha, no palácio de Crystal, em Londres, vai figurar uma agulha na verdade extraordinária. Foi fabricada na Inglaterra e oferecida a Rainha Vitória; inclui a columna Trajana e tem esculpidas várias escenas da vida da rainha, de tão fina execução, que só podem ser vistas com auxilio de lente — o que não impede que, abrindo-se, se lhe tirem de dentro algumas outras ainda mais finas e lavoradas da mesma maneira.

Graudes marés. — Em Bahia Blanca três grandes marés invadiram uma enorme zona de terra, oficinas e armazéns da ferro-carril cercados de aguas.

Vapor da Corte. — Da companhia Macabé é hoje esperado vapor da corte.

Advogado de sexo feminino. — Obteve licença, na Índia, para adorar a Sea Ethirajau.

Esta filha da India fala fluentemente o inglês.

É mulher de um brahmâne e diretora em Matrasta de um collegio de meninas.

No collegio de medicos de Calcutá também se acham matriculadas duas seunas indígenas.

A um missante. — As seguintes quadras são dirigidas a um missante:

Correr mundos... e mundos
Ela, dos mundos no fin
Saltaria fôta dos mundos.
Se te visse atraz de mim.

E mesmo fôta dos mundos
Se te visse a olhar para lá
Brâstra no autor dos mundos:

— Mais mundos! que elle está cá.

Sapimento d'água. — Nova-York precisa, dizem, de 150 milhões de galões de água e só tem 95 milhões.

As autoridades municipais estudam planos para aumentar o suprimento e propõem-se gastar no novo aqueduto ainda menos de 35,000,000\$000.

Audíencia. — Hoje havera audiencia do juiz municipal.

A microscopia continua a propagar-se. — Vê-se microscópios em toda a parte e não se sabe como pôr-se a gente no abrigo de seus ataques. A ultima receita microsifuga consiste em não espantar-se os moelos nem varrer-se mais os quartos e as salas: porque a espumação e o varrimento coloca em suspensão no ar todos os reagentes de microscópios, que repousavam pacificamente aqui e ali.

Acabam-se com os espanadores e as vassouras, limpos-se simplesmente com o panho seco e secando então os microscópios deixá-los de dançar sarabandas em nossos quartos. Desconfiai principalmente da salereira e da pimenteira. Se esses utensílios não estiverem bem fechados, os microscópios os invadem. Tudo isso é horrível.

Bonds eléctricos. — Com a assistencia de S. M. o Imperador serão inaugurados, no dia 13 de Março, os bonds eléctricos, no Bon-éca, em Nictheroy.

Estrada de ferro Macabé e Campos. — Passageiros que seguirão hontem para a corte no vapor *Heserra de Menezes*:

Antônio Teixeira Menezes, Augusto de Andrade Camargo, João Castro, Lamego Gomes da Fonseca, Antonio Nunes Viana, Antonio Martins de Menezes, Antonio C. Coelho de Almeida, Antonio e Constantino (meus), Antonio Machado Ribeiro, Maria das J. B. Cirio Junior, Arthur Napoleão Machado, José Corrêa do Mattos, Ildefonso Castanheira, Alípio Ribeiro de Castro, Martiniano Castanheira, José Coelho dos Santos, Manoel V. Pereira Ramos, Dr. Heleodoro José da Silva, capitão Herminio José A. Ranquel, Severo Matriciano, Antonio Martins da Silva Junior, Dr. Francisco Coelho da Almeida, Jayme de Mendonça, Cândido José Ferreira Martins, Dr. Manoel Ferreira Saturiano Braga, F. Cecília de Castro, Dr. Evaristo de Oliveira Verona, Felismino S. Verezza, Antonio S. da Costa, Manoel P. Monteiro Pinheiro e Dr. Manhães do Campus.

Illuminação eléctrica. — Continua a ser muito animada a concorrência no boulevard de Villa-Isabel, na corte, para ver a illuminación eléctrica.

Episódios interessantes. — A questão do preço das passagens nos bondes da cidade de Buenos Ayres tomado occasião a episódios interessantes. Tem-se visto pessoas das mais graduadas tomar a rede e os chicotes das mãos dos cocheiros quando estes obstinavam-se a não seguir com os carros, pelos passageiros não pagarem os preços augmentados pelas empresas.

Mordido por um cão. — Houve veto no nosso scriptorio um menino queixar-se de ter sido mordido por um valente cão, na rua da Constituição, em frente ao antigo quartel.

Dissos-nos mais o menino que esse cão vive solto e ataca a todos que por ali passam.

Não desejamos que o Sr. fiscal dé-lhe uma prisão venenosa, como lhe compete fazer, pedimos unicamente ao dono do cão que o traga preso para que não mate ataque aos transeuntes.

Monumissões. — Em verba testamentária do falecido commandador Joaquim Mariano de Amorim Carrão, falecido em S. Gonçalo de Niteroy, ficou o partido liberal com a maioria de um voto no sentido.

O ponto do passagem do Mar Vermelho. — Numa opusceto intitulado *Les campagnes de Moïse au Sinaï*, propôz o sabio padre Moigno a ideia de fazer investigações no Mar Vermelho em busca dos restos da armada de Pharaon, sepultada por Deos, segundo nôo refere a Bíblia, na celebra passagem dos Israelitas, tão primorosamente descripta pelo grande padre Vieira, em um dos seus magníficos sermões.

Apezar de algumas jornaes franceses meterem a ridiculo a imbarcação do sacerdote e dizerem que não passava de uma loucura, o sábio padre não perdeu a coragem e insiste em seu pensamento.

Mr. le Coindre, engenheiro da marinha aposentado, demonstrou, segundo o dito padre, que a passagem do Mar Vermelho se verifica em um ponto determinado, hoje comprehendido nos lagos Amargos.

Aproveitando, pois, a circunstância do novo canal que se projecta sob a direcção de Mr. Lesseps, o qual ha de passar, provisoriamente, pelo ponto determinado, exhorta o sábio phisico a que nas escavações se examinem o terreno e se veja se se encontra algum resto da armada egypcia.

Este pensamento, diz em substancia o padre Moigno, interessa aos incrédulos, pois em sua pretendida convecção, não pode levar senão a desmentir a Bíblia. Em quanto aos católicos, « admittam », acrescenta, para fazer brilhar de novo a verdade dos Livros Santos, no milagre mais terrible operado pela vara de Moysés, seu temor de que o malo resultado teria outras consequencias de que o demonstrar que Mr. le Coindre se enganou ao determinar o ponto da passagem.

Carnaval. — Segundo nos consta os clubs carnavalescos sahirão hoje à noite a passeio.

Temporal. — Sabe-se por telegramas de Lisboa ter-se dado um grande temporal em Paris, a 27 de passado.

Um negro celebre. — O preto velho Itanon Montgomery, de reconhecida reputação em todos os estados do sul da America, morreu ha pouco tempo repentinamente na sua residencia em Atlanta, na Georgia.

No anno de 1815, Ranson era escravo em Dofor-Ferry, proximo da ponte que atravessa o rio Chat-hoochee. Um dia pouco tempo depois de se inaugurar o caminho de ferro *Western and Atlantic* via elle que a ponte estava a arder, e correu para dar o signal de alarme no guarda. Mas o guarda tinha abandonado o seu posto, para ir pro-

curar um discurso n'uma reunião eleitoral. O fogo tinha-se manifestado na ponte, em consequencia do carbão que havia caído de uma locomotiva, e era necessário tempo para ir procurar socorros, que só se podendo encontrar a grande distancia. Nestas circunstancias, o bono do negro, emprehendeu a tarefa, que na apparencia era impossivel, de extinguir só o incêndio, depois de um dia inteiro de esforços prodigiosos elle conseguiu o seu fim. A ponte foi salva.

As autoridades do estado sabendo do maravilhoso procedimento daquelle escravo, compraram-no ao seu senhor, fazendo dele um homem livre. Foi depois empregado do caminho de ferro qual tinha evitado um enorme prejuizo, e construiu uma pequena casa que foi destruída por occasião da guerra pelos soldados do general Sherman, mas que o astuto escravo restabeleceu depois da paz.

Quando teve lugar a reorganização administrativa da companhia, os novos directores despediram Montgomery, o qual pela sua idade já não era proprio para o trabalho, e os seus credores expulsaram-na da casa que elle próprio havia edificado por duas vezes. Mas, diga-se por hora sua, a legislatura da Georgia, não se esqueceu de que o estado devia ao velho negro, e votou-lhe uma pensão de 15 dollars por mês. O governador Mc-Daniel, sabendo agora da morte de Ranson, anunciou publicamente que tomava a seu cargo todas as despesas dos funerais.

Mordido por um cão. — Houve veto no nosso scriptorio um menino queixar-se de ter sido mordido por um valente cão, na rua da Constituição, em frente ao antigo quartel.

Dissos-nos mais o menino que esse cão vive solto e ataca a todos que por ali passam.

Não desejamos que o Sr. fiscal dé-lhe uma prisão venenosa, como lhe compete fazer, pedimos unicamente ao dono do cão que o traga preso para que não mate ataque aos transeuntes.

Monumissões. — Em verba testamentária do falecido commandador Joaquim Mariano de Amorim Carrão, falecido em S. Gonçalo de Niteroy, ficou o partido liberal com a maioria de um voto no sentido.

Tragedia n'un palacio. — Na Turquia costuma-se perdoar a um bandido e ainda proteger-lo quando, perseguido por todos os lados, ou encarcerado de crimes, se apresenta ao governador-pachá, roubado, randido, com armas e bagagens, promettendo viver honestamente d'ali para o futuro, ainda mesmo que na maior parte dos casos n'ó cumpra a sua promessa.

Pois bem, ha dez annos, n'um a multa de baptizado, em numero de dezenove, perfeitamente armados, infestando os lugares de Thyra e Buda, roubando e assassinando, inteiramente à vontade. Travaram-se por vezes tiroteios entre elles e a força armada, mas os bandidos continuaram assolando tudo.

O estio passado, por occasião da abertura do caminho de ferro de Smyrna a Ardin, no chegar a Thyra o pachá governador com os seus convivas, encontrou-se com os dezenove bandidos armados e uniformizados. Apesar os sultidores se aproximaram do governador-pachá e seu seguito, ajoelhando diante delle, fizera confissão dos seus attentados e pediu-lhe perdão. Concedido uma vez o que elles impetravam, forão numerosos agentes da polícia rural guardas o valle, tirando das suas façanhas; porém, no cabo de algum tempo, eram as que as quisas, que a Porta ordenou que o governador de Smyrna acabasse com tanto escondendo.

O pachá chamou os bandoleiros a palacio para lhes dar melhor destino. Passados dias, apresentou-se áquelle autoridade, não inspirando a menor suspeita, depousar no atrio do palacio as clavinas e uma comissão composta de cinco foi fallar com o pachá. Porém, tanto os que subirão como os que ficariam em baixo esconderam entre o vestuário magnificas pistolas. A guarda do palacio foi augmentada, fazendo na uns duzentos soldados.

O governador recebeu-os muito bem, mas disse-lhes que viesssem no dia seguinte saber do destino que lhes daria.

Os bandoleiros, sahirão do palacio, gritaram para o comandante da guarda que se rendesse, e seu tir-te meu guarda o capitão da quadrilha, Osman, atirou para o ajudante do governador, ferindo-o gravemente, e correu para cima afim de matar este, mas, não encontrando no seu aposento, matou o agente de polícia que estava alli. Então estabeleceram-se um terrível tiroteio, entre a quadrilha e toda a tropa. Desse luta sahirão seis bandidos mortos e bem assim muitos soldados e policiais. Os restantes bandidos forão presos.

Fallenetas. — No anno de 1883 houve nos Estados Unidos 10,187 falennas, quando em 1882 houve 7,574 em 1881 apenas 5,920.

Grandes bailes familiares e carnavalescos. — Por nos ter sido remetido à ultima hora anúncio de publicar hoje o anúncio dos grandes bailes familiares e carnavalescos que têm de se realizar amanhã e terça-feira no theatro S. Salvador.

Curiosa estatística. — No anno findo derão-se em Lisboa as seguintes ocorrências as polícias de que tomáro conhecimento as praças da guarda municipal: